

GESTÃO EM ARTES VISUAIS

Módulo 3

Campos de Atuação

Unidade 6

Produção, mercado e conservação

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo



Cursos de Artes Visuais
FAALC – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Na atividade anterior você obteve informações sobre a formação do Bacharel em Arte Visual e as possibilidades de atuação nesta área.

O conjunto de dados apresentados lhe dá uma visão ampla da área e lhe proporciona condições de escolhas e direcionamento de carreira, pense bem a respeito do que lhe estimula nesta área.

Esta unidade lhe proporcionará meios para identificar vários campos de atuação no contexto da Arte Visual.

Leia com atenção este material, as leituras complementares e demais informações orientadas para o desenvolvimento desta atividade e reflita à respeito de seus próprios interesses profissionais.

***6.1 – Aspectos da produção,
conhecimento, mercado,
preservação artística e suas
interfaces.***

A Produção artística.

O produtor de Arte, nomeado tradicionalmente como Artista, tem por função e finalidade o desenvolvimento da produção estética de Obras de Arte.

Tais Obras podem ser realizadas dentro dos procedimentos tradicionais como o Desenho, a Pintura, a Escultura, Gravura, bem como nos mais recentes, Fotografia, Cinema, Vídeo e demais interfaces das mídias tecnológicas e digitais.

Tais obras podem ser físicas, corpóreas como também virtuais, residentes e projetadas em meios tradicionais ou tecnológicos. Tanto o fazer manual, dentro das linguagens e poéticas tradicionais quanto os fazeres contemporâneos, visuais, tecnológicos digitais e também corporais como as performances. Ainda intervenções ambientais e instalações espaciais que são realizadas neste contexto.

O Conhecimento Artístico.

As primeiras reflexões sobre a Arte ocorreram no contexto da Filosofia e, daí em diante, ocuparam tanto este campo de conhecimento quanto outros que foram surgindo com o decorrer do tempo.

Inicialmente os debates sobre a essência da Arte, depois seus fazeres e mais tarde seu conceito.

A sistematização do conhecimento sobre a Arte se inicia no Renascimento que é o momento do surgimento do que chamou-se de História da Arte.

Da Filosofia surgiu a Estética, especialmente no século XVIII com Baumgarten. Depois com vários outros filósofos que aprofundaram as reflexões sobre a natureza da Arte e sua apreciação, critérios de avaliação, crítica e validação. Este campo tornou-se um dos mais importantes para o aprofundamento deste conhecimento. A pesquisa, o ensino e difusão tem ocorrido no contexto do ensino superior e em alguns institutos dedicados a Arte. Locais onde os Bacharéis podem encontrar espaço de trabalho.

O Mercado Artístico.

Chama-se se Mercado o ambiente social onde ocorrem as trocas econômicas relacionadas à Arte Visual entre produtores e consumidores. Nem sempre os produtores ou consumidores foram vistos do modo como os conhecemos hoje em dia.

O ser humano na pré-história não seriam enquadrados nestas categorias, provavelmente nem mesmo na Idade Média.

A partir da Antiguidade pode-se dizer que havia alguém capaz de prestar um serviço específico de criação artística e alguém interessado nisto.

Na realidade o poder conquistado e instituído pelos guerreiros usava a Arte como um meio de difundir seus interesses e valores. Isto não foi diferente do que aconteceu na Idade Média e no Renascimento até o século XIX. Mudando apenas com o Modernismo.

A vinculação dos artistas ao poder perdurou até fins do século XIX quando alguns artistas começam a contestar o projeto tradicional clássico e acadêmico, chamados depois de Modernistas.

Foi justamente o advento do Modernismo que possibilitou que os artistas assumissem sua individualidade e autonomia para a produção artística mais tarde desdobrada pela Pós-Modernidade.

Antes disso, voltando ao Renascimento, o poder econômico possibilitou o surgimento do Coleccionismo, termo usado para se referir ao investimento no acúmulo de objetos por alguém ou instituição.

Nesse caso refere-se aos objetos de Arte. Os primeiros colecionadores, por conseguinte, investidores, foram os Médici e os Borghesi na Itália renascentista.

Um hábito criado pelo poder econômico levou membros da nobreza, do clero e do comércio a criar coleções e galerias instaurando o que mais tarde seriam os museus e o mercado de Arte.

Desde a Idade Média, os Gabinetes de Curiosidades já haviam instaurado o gosto pelo diferente, pelo inusitado e original, o passo seguinte foi tornar a Arte o interesse destas coleções.

O Mecenato promoveu o financiamento de produtores, de Obras de Arte e foi o grande estimulador deste processo que, institucionalmente, perdura até hoje. Outro fator que proporcionou o desenvolvimento deste mercado foi o surgimento da Pintura de Cavalete, quadros pintados à óleo em suportes de tecido que podiam ser transportados, diferente das pinturas em afresco realizadas nas paredes dos palácios, templos e residências.

A portabilidade da Pintura de Cavalete, além de facilitar o mercado destes objetos, possibilitou o seu Colecionismo.

Uma das consequências disso foi, como já foi dito, o surgimento de Galerias e Museus, pois a quantidade de obras acumuladas levou à criação de instituições que optaram, por concessão ou lucro, abrir seus acervos à visitação pública.

Outra consequência disso foi o surgimento do comércio de Obras de Arte. Um colecionador poderia dispor de obras sobre as quais perdesse interesse ou para ampliar a coleção em outra direção, enfim, a partir daí o comércio delas passa a gerar lucro para comerciantes, os Marchands ou Mercadores de Arte.

Hoje em dia este mercado ocorre em, pelo menos, três ambientes: nas Galerias de Arte, Feiras de Arte e nas Casas de Leilões.

As Galerias são instituições de mostra e comercialização nas quais os artistas expõem suas obras destinadas à apreciação e aquisição. As casas de Leilões se tornaram, nos últimos anos, um dos ambientes preferenciais para a comercialização de Obras.

Obras originárias de espólios, colecionadores ou especuladores passaram a ser o principal segmento da comercialização de Arte hoje em dia.

Não só obras de Artistas tradicionais ou do passado são comercializadas nesse contexto, mas também os contemporâneos passaram a usar este recurso para disponibilizar suas Obras a mercado.

A preservação artística.

Como se disse, uma das consequências do Coleccionismo foi o surgimento de instituições destinadas à apresentação e apreciação de Obras de Arte, independente de sua comercialização.

O surgimento de espaços destinados à visita pública de apreciadores sem interesse em aquisição possibilitou a difusão do conhecimento sobre Arte, sua preservação, conservação e restauro.

Inicialmente Gabinetes, Galerias e depois Museus se tornaram os lugares preferenciais para mostras e exposições de Obras de Arte.

Instituições deste tipo passaram a ser constituídas por interesse particular ou governamental para a difusão da produção artística, visando ou não subvenções e/ou lucro.

Estes espaços passaram a ser também ambientes para o exercício profissional de Bacharéis em Arte.

Os Bacharéis tem neste universo a possibilidade de atuarem profissionalmente tanto como especialistas na busca, avaliação, aquisição, conservação quanto para a disponibilização de Obras para o mercado de aquisição, investimento e na especulação financeira, da qual não se pode fugir hoje em dia.

Além da constatação de que o exercício tradicional dos domínios pertinentes ao campo da Arte Visual seguem os caminhos já trilhados ao longo da história, é possível tentar categorizar tais caminhos e, inclusive, acrescentar as novas tendências que foram surgindo nos últimos anos, principalmente as que dialogam ou criam novas interfaces com tecnologias, aplicações ou serviços.

*6.2. Tradição e inovação
nos diálogos da Arte
Visual e suas interfaces.*

A tradição clássica e acadêmica consolidada no século XIX indicava duas instâncias produtivas: de um lado a do Artista, o criador, produtor, idealizador das Obras de Arte e, de outro, os que atuavam no auxílio de tais produtores.

Os Artistas, em geral, formados nas escolas de Belas Artes detinham o *status* intelectual mais sofisticado. Os auxiliares, por sua vez, eram formados nos Liceus de Artes e Ofícios, instituições destinadas ao ensino técnico e profissional, chamado de profissionalizante, cuja finalidade principal era o de exercer as atividades mais pesadas e manuais.

Estes técnicos eram fundidores, tapeceiros, serralheiros, marceneiros, moldureiros, decoradores, pintores, canteiros, entre outros artesãos capazes de exercerem as tarefas e atividades menos intelectuais e mais operacionais da produção artística.

Mestres de Obras e Oficiais de Serviços eram preparados nestes ambientes dominados por Oficinas e não por Ateliers.

Neste sentido surge a distinção entre Arte, propriamente dita, contendo as Belas Artes, e o que se chamava de Artes Aplicadas correspondendo ao que se produzia para uso decorativo, utilitário e funcional, supostamente destituídas de expressividade. Há que se admitir que embora as aplicações da Arte não destituíssem de todo os aspectos estéticos e plásticos, típicos de sua configuração, não eram sua principal finalidade.

A Arte Visual, originalmente, englobava apenas o Desenho, a Pintura e a Escultura, chamadas de Belas Artes e depois de Artes Plásticas. Mais tarde, admite a Gravura, a Fotografia e o Cinema tornando-se Artes Visuais.

Considerava também as manifestações de caráter decorativos e funcionais como a Cerâmica, o Mobiliário, a Tapeçaria, a Joalheria e a realização de artefatos de madeira, metal e vidro, entre outros, como campos paralelos e relativos.

O advento da Modernidade, desde as discussões instauradas pelo movimento Arts and Crafts de Morris na Inglaterra e a escola Bauhaus, de Gropius na Alemanha, romperam com as barreiras entre estes dois níveis de atividades dando ao artífice, ao artesão a possibilidade de atuarem como Artistas e, aos Artistas, a necessidade de dominarem habilidades manuais antes dos artífices. Mais tarde as Performances, Instalações Ambientais e Intervenções, também foram admitidas como campos Conceituais da Arte Visual.

Pode-se inferir que a quebra da barreira entre estas duas instâncias da produção artística ocorreu por dois motivos: um deles foi a intensificação dos processos de produção industrial, que passou a depender de projetos mais técnicos para execução em máquinas e menos habilidades manuais; o outro foi consequência deste primeiro.

Na medida em que a indústria desprestigiou as habilidades manuais, os Artistas que eram os idealizadores dos projetos e produtos, passaram a depender de conhecimentos técnicos e procedimentos industriais que não eram seu domínio. Assim surgiram as escolas, com a Bauhaus por exemplo, dedicadas ao Desenho Industrial e depois ao Design congregando formação nos saberes: artísticos, artesanais e industriais.

Além disso, a terceira geração industrial, como pode-se nomear o desenvolvimento digital que cria *hardwares* e *softwares* para a realização de tarefas físicas e industriais como, por exemplo a dos robôs, as interfaces dos ambientes virtuais e de serviços na comunicação e demais ambientes digitais, tecnológicos e sociais criaram também novas necessidades profissionais.

Neste novo ambiente colaborativo caracterizado pela WEB surgem nichos, tendências, funções, atividades e proposições que dependem de indivíduos mais dinâmicos, capazes de atuar em grupo, gerenciar ações, condutas e atividades inovadoras que surgem todos os dias nos meios digitais interativos. Este é também um campo de atuação profissional para a Arte Visual.

Nestas discussões pode-se incluir a questão da Empregabilidade, ou seja, o potencial que os egressos em Arte Visual dispõem para exercerem diferentes atividades no contexto econômico da sociedade atual.

Como se viu, muitas das ocupações originalmente relativas à Arte Visual, desapareceram ou migraram para outros campos profissionais como o da arquitetura, do design e dos sistemas gráficos.

O aprofundamento e a especificidade das Poéticas artísticas Pós-modernas, intensificaram de um lado a função estética e conceitual das atividades artísticas destituindo-as tanto da reprodução, imitação ou representação, quanto da corporeidade que caracterizava anteriormente os Objetos de Arte. Esta desmaterialização teve consequências drásticas no mercado e nos serviços relacionado à Arte.

Como se viu, uma boa parte das atividades profissionais descritas como pertinentes ao campo da Arte Visual, como discriminadas na Classificação Brasileira de Ocupações não se configuram necessariamente no campo exclusivo da Arte em suas Poéticas ou meio de Expressão, mas como funções aplicadas ou utilitárias que gravitam em torno da Arte Visual.

Isto decorre da tradição artística que incluía num mesmo conjunto os fazeres estéticos e técnicos, portanto, Arte Visual correspondia, por exemplo, tanto aos fazeres da Arquitetura quanto suas aplicações na ornamentação, mobiliário, decoração e também aos produtos utilitários e de consumo. Os artistas operavam em vários campos de criação e execução e não só no contexto das poéticas.

Para melhor exemplificar pode-se tomar o campo da produção gráfica no qual os artistas do passado, se ocupavam tanto da diagramação quanto da ilustração de publicações de livros, cartazes ou periódicos informativos e publicitários. Este campo de atividade migrou para o Design Gráfico. Do mesmo modo que projetos de mobiliário e utilitários migrou para o Design de Produto.

Na medida em que a Arte Visual se afasta de suas aplicações pragmáticas, aprofunda sua vocação experimental e, como consequência, perde a possibilidade de vincular-se diretamente ao mercado de obras, serviços e bens de consumo. Pode-se dizer que, na atualidade, os conteúdos sígnicos e simbólicos da Arte se impõem sobre o mercadológico.

Tais constatações não modificam as condutas que a Arte Visual assumiu na contemporaneidade, mas possibilitam uma reflexão mais profunda sobre as possibilidades de inserção de seus profissionais no mercado de trabalho ou econômico, uma das funções adotadas para o desenvolvimento desta disciplina.

Para leituras complementares, além da legislação citada no contexto da Unidade, acesse em TEXTOS:

Afirmar os Direitos Culturais. Cultura e Economia, de Paul Tolila.

Guia do Artista Visual, do Ministério da Cultura.

Elementos para pensar uma carreira profissional artística e criativa, de Alexandre Barreto.

Significado do trabalho e carreira artística.

Responda as questões a seguir e encaminhe na data prevista pelo Cronograma da Disciplina:

1. Quais as modalidades para a realização de Obras de Arte?
2. Como se iniciou o conhecimento sobre a Arte e como se desenvolveu?
3. O que se entende por Mercado de Arte?
4. Como surgiram e se desenvolveram os espaços expositivos em Arte Visual?
5. O que levou ao aprofundamento e especificidades da expressão artística?